

DIAS DO ESQUECIMENTO

Dias do esquecimento

Copyright © 2026 Actual.

Minotauro é um selo da Editora Almedina Brasil do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

ISBN:978-65-5183-014-3

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C422d
1.ed. Cesar, Newton
Dias do esquecimento / Newton Cesar. - São Paulo :
Actual, 2026.
236 p.; il.; 14 x 21 cm.
Título: Dias do esquecimento
ISBN 978-65-5183-014-3
1. Romance brasileiro. 2. Distopia. 3. Memória - Ficção.
I. Título.
CDD 869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Editor: Rodrigo Mentz

Produtora Editorial: Andresa Vidal

Capa: Tecnologia Sora (IA)

Miolo: Imagens de abertura feita

sob fotos de Gerard Altmanna e

Ivana Tomásková (Pixabay)



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



DIAS DO ESQUECIMENTO

NEWTON CESAR

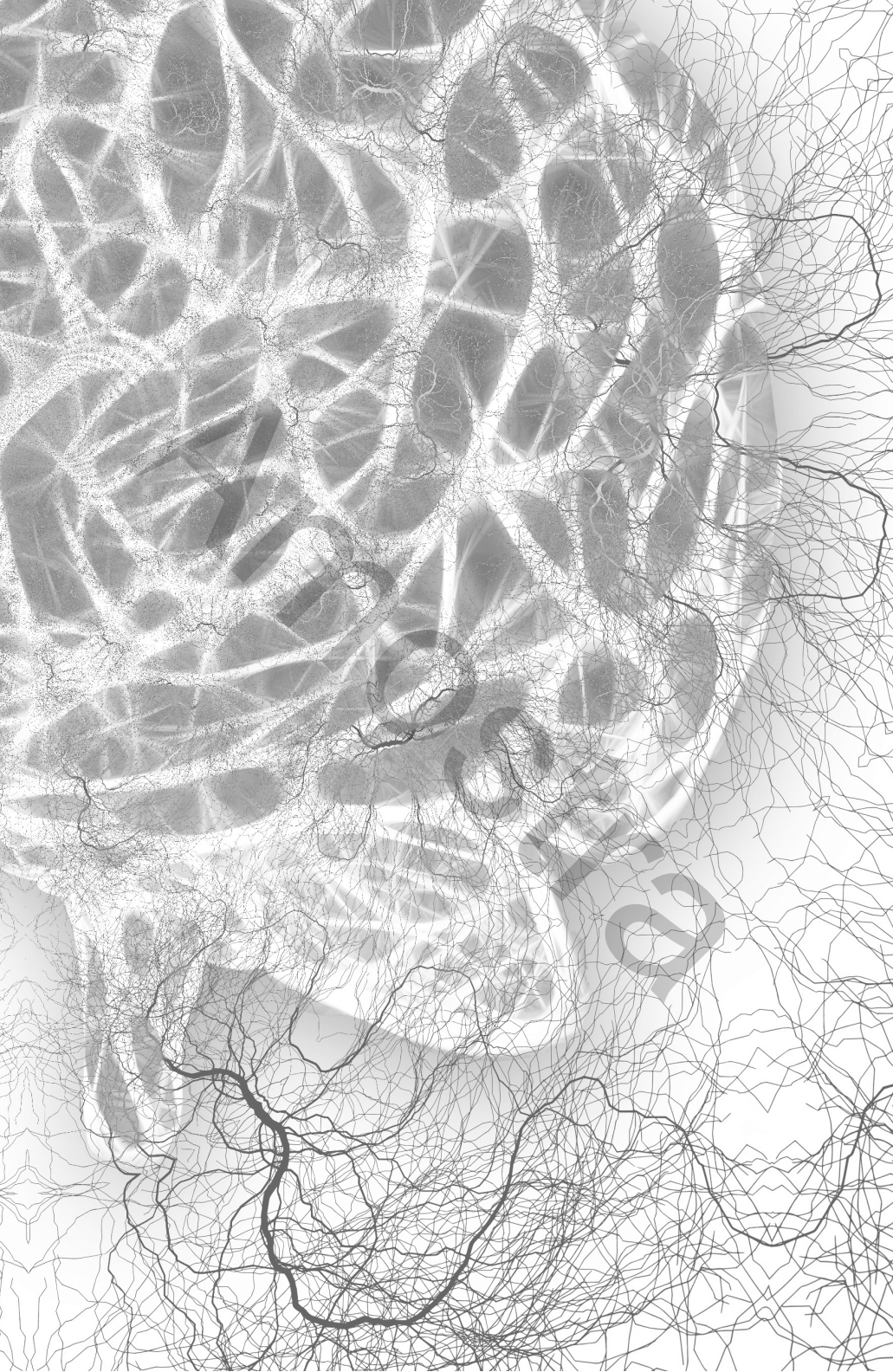


Amostra



*Para minha mulher, Helena de Oliveira,
por dias repletos de boas lembranças.
Para familiares e amigos que nunca esqueço.*

Amostra





“— [...] Prometes que me contarás tudo quando lembrar?
— Se um dia eu lembrar.”

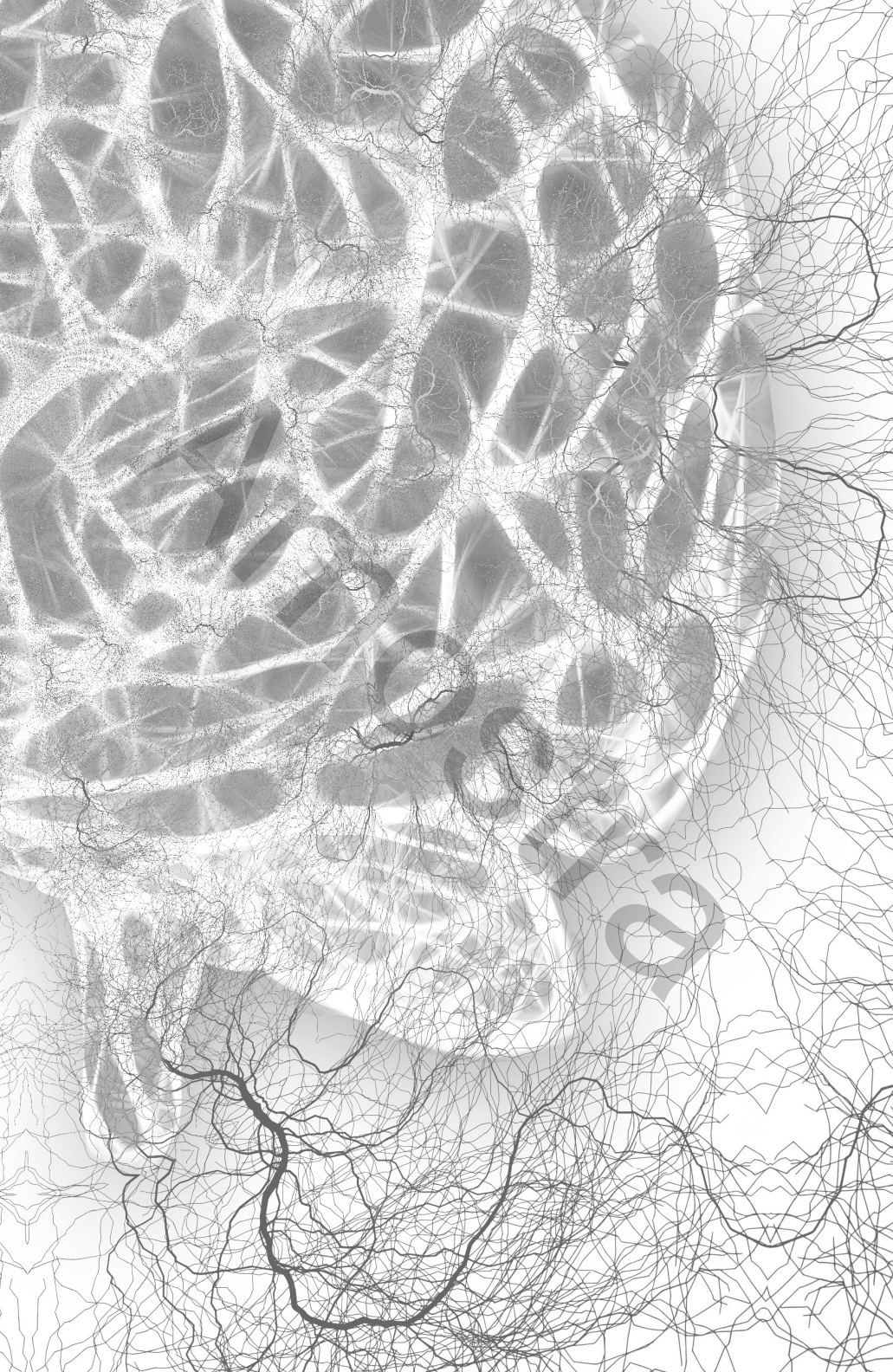
Oração para desaparecer, Socorro Acioli

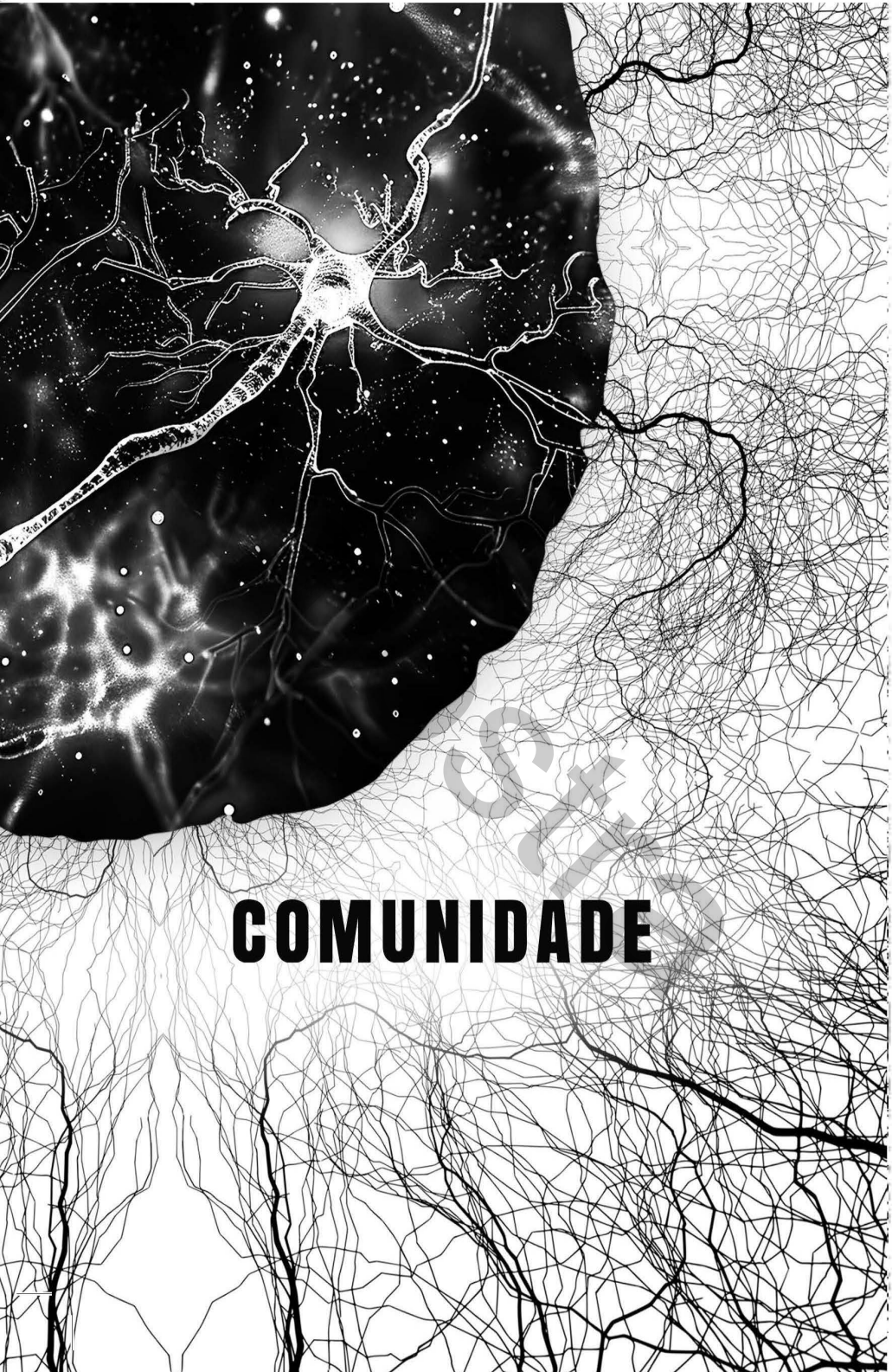
“As memórias nada mais são do que aquilo que nos restou de
nossos esquecimentos.”

Josué Montello

“As memórias ficaram pelos becos e não há a quem perguntar.
Foram-se.”

O pior de mim, Maitê Proença





COMUNIDADE



HERMÍNIA

Meu marido e os gritos. Eu, assustada, às vezes usava as mãos para tapar os ouvidos. Imersa nos sons que me castigavam, o pensamento me escapava: “Mas que diabo tem o Gusmão?”

Seus gritos venceram as paredes. Os urros estridentes não alcançaram os vizinhos da nossa comunidade. Porta afora, havia apenas poucas chácaras e casinhas simples. Outras propriedades, incluindo um pequeno comércio, ficavam somente no vilarejo, que era mais distante. Próximo de nós não havia ninguém. Zézão, que morava na casa que tinha sido de seu pai, Osvaldo, ficava a um quilômetro — um pouco mais, talvez. Então, quando o meu Gusmão abandonou o interior do nosso lar e avançou pelo quintal aos berros, movimentando-se feito criança birrenta, eu fui a única a testemunhar aquele surto.

— Gusmão! Gusmão! Volta pra casa, homem! — gritei.

Ele não ouviu. Ou, se escutou, me ignorou.

Seu corpo, marcado pelo tempo, fazendo de sua pele um mapa de rugas, deslocou-se com velocidade e vitalidade estrondosas. Pareciam as pernas e os braços de outra pessoa. O Gusmão sofreu uma espécie de transformação: euforia e energia exacerbadas. Um homem de setenta anos movimentando-se com a explosão de um bicho? Impossível. Estaria possuído? Provavelmente. Ao menos, foi o que pensei. Eu, um pouco mais idosa, não consegui abandonar a velhice acumulada nos meus setenta e três anos para correr atrás do meu marido. Impedir o pior foi impossível.

Gusmão, em estado regressivo, disparou para os fundos da nossa chácara. Aos gritos e gargalhadas que surgiram, ele, de braços abertos, intercalava rodopios infantis, imitava um pássaro. Voaria?

A regressão mental do meu marido aconteceu de repente. Suas atitudes, quase num piscar de olhos, transfiguraram-se. A velhice se desfez, levou embora a cognição de outros tempos. Todas as experiências acumuladas pela sua idade viraram pó. O Gusmão, num estalar de dedos, voltou a ser uma criança. E essa criança, naquele corpo de velho, ultrapassou a cerca —

ação que seria praticamente impossível para nós, velhos — e correu até a beira do barranco, que não ficava tão longe. A figura altiva, talvez ufana, ficou lá, estática, de braços abertos, contemplando o horizonte, sentindo a brisa do vento.

Novamente, e assustadíssima, gritei:

— Gusmão, volta aqui!

Não voltou.

— Gusmão, volta aqui!

O que voltou foi o tempo. Na minha mente, lembrei-me de gritar para o Miguelzinho. Eu gritei para ele voltar. Eu corri. Quis abraçar o nosso filho com força. Com amor. Quis reunir ali toda a minha preocupação de mãe, que morava naquele aconchego.

O Miguelzinho era arteiro, não parava. Tinha apenas quatro aninhos quando ouvia a minha preocupação saltar em voz estridente. Tinha quatro aninhos quando me ouvia gritar: “Volta aqui!”. Ele voltava, obediente. Eu o abraçava. Eu o reprendia. Mas não demorava para a curiosidade dominar-lhe as perninhas de novo.

Não demorava para o seu espírito de criança virar um “espírito de porco”, como se dizia no meu tempo, e ele sair com a intenção de descobrir o que havia além da nossa propriedade.

Não demorava para eu gritar: “Volta aqui, Miguelzinho!”. Até o dia em que ele não voltou.

Saiu correndo, atravessou o portão, ganhou a rua e, quando me dei conta — quando meu grito já não era só grito, era puro terror —, o nosso anjinho tinha ido parar debaixo daquelas rodas enormes.

Naquele dia, incompreensivelmente, naquele mesmo dia, o seu Osvaldo, que ainda era jovem, que não tinha trator, dirigia um. Não sei o porquê. Nunca perguntei. Talvez Deus tenha a resposta, apesar de jamais tê-la revelado a mim.

De todo modo, naquele dia — justamente naquele dia —, na estrada de terra por onde quase não passava carro, nem ninguém, passou o trator.

Demorou para que eu e o Gusmão aprendêssemos a conviver com a morte do nosso filho. Não. “Superar” não é palavra boa. Demorou anos para que eu e o meu marido aprendêssemos a conviver com a morte do nosso filho.

Demorou para eu perdoar o seu Osvaldo, mesmo sabendo que ele não teve culpa nenhuma. Trinta, talvez trinta e cinco anos se passaram até que os dias voltassem a parecer normais.

Até que o cotidiano virou de cabeça para baixo e transformou o Gusmão.

O meu Gusmão, ali, de braços abertos, a se fundir com o horizonte, ficou parecidíssimo com o Miguelzinho. Eu, gritando para o meu velho, era como se gritasse novamente para o meu filho.

Qual deles me ouviu?

Finalmente, Gusmão me escutou. Voltou o rosto para mim. De braços abertos, sorriu-me. E disse em voz alta:

— Olha, Hermínia, o Miguelzinho!

Eu desabei.

Não vi o Miguelzinho. Eu quis, mas não vi.

Meus olhos esbugalhados percorreram o horizonte, e tudo o que enxerguei foi o meu Gusmão pular e balançar os braços como se tentasse voar.

Eu desabei.

Não tive forças para continuar correndo. Tampouco para voar.

Só tive forças — uma força descomunal — para chorar, pois eu sabia que abaixo dele só existia o nada.

Eu sabia que, ao experimentar aquela outra vida naquele barranco descomunal, o corpo do meu marido havia encontrado a morte lá embaixo.



LENINHA

Toda vez que prendo meu olho no pai e vejo ele misturando a mão na terra, fico certa de que seu gesto planta mais do que comida, planta amor. Suas mãos grandes, fortes e calejadas quebram até osso. Só que, na terra, seus dedos grossos parecem feitos de pena. O pai planta e colhe tudo com carinho. O solo e ele respiram a mesma coisa. Os dois são um. Na lavoura, nunca vi união desse jeito. O pai disse que aprendeu a fazer carinho na terra com o pai dele, meu avô Osvaldo, que morreu faz tempo.

Nosso espaço pra cultivo é mixuruca, lá nos fundos da casa. Não dá nem o tamanho de meio campo de futebol. Como é pequeno, o pai trata a terra com suavidade. Se fosse grande, o trator é que ia mexer na terra, não o pai. Daí não ia existir carinho, só ferro, barro e pó.

O carinho que a terra recebe do pai vem pra nós tamém. Ele beija e abraça a gente com respeito — a ternura escapa do seu olho e invade as três Maria da sua vida: eu, Maria Helena (Leninha); minha mana, Maria Isabel (Bel); e minha mãe, Maria José (Mazé).

No céu, dá pra vê as Três Maria alinhadinha. Eu já vi. São estrela maior do que o Sol, de um brilho grande-grande. A Bel, que tem inteligência e não fala nem escreve errado que nem eu, contou que elas tão a mil e quinhentos anos-luz de distância, mais ou menos. O que isso quer dizê? Não sei, não. Só sei que meu pai não precisa procurá no Universo a luz das Três Maria; basta ficá olhando pra gente, que somos um brilho intenso pra ele.

E é o que ele faz nos final das tarde, quando entra em casa — as roupa e as mão carimbada de terra. Meu pai abre a porta que range, arrasta os pé pelo chão que tamém range, range os dente ao sorrir e vai pro banheiro lavá as mão. Quer dizê, lavá as mão não é sempre que lava. Mas, na maioria das vez, essa rotina se repete e se repete, com exceção dos dia em que trabalhá na terra é impossível. Ou porque a Terra não tá nos melhor dia, ou porque o céu resolve despejá suas lágrima sobre a gente numa chubarada forte demais.

Nos dia que o pai não tá com as mão na terra, ou tá sentado na cadeira de palha, na frente da casa, tomano o chimarrão sem tirá o olho do horizonte, ou tá dano atenção pra gente, contano história aqui e ali. O pai é feliz contano os acontecimentos que tem guardados na cabeça. Ele arreganha os dente e, às vez sorrindo, outras vez sério, se concentra nos detalhe, inventados ou não.

Ele sempre brincou com a gente, não é de hoje. Perdi até as conta de quantas vez montei cavalinho nele. E teve os dia que ele fazia cócega na minha barriga até eu ficá com vontade de fazê xixi nas calça, de tanto rir.

Eu tinha um pijama de ursinho. Na hora de dormir, o pai chegava perto, olhava pro meu pijama, daí pro meu rosto, e falava:

— Quem é a ursinha do pai?

Na mesma hora fazia cócegas com a boca na minha barriga. A cosquinha ele não faz mais, porque já tô virano uma menina grandinha, nas palavra dele.

Mas carinho quase sempre tem. Quando o pai não tava em dia triste, tinha carinho pra gente na outra casa. Agora tamém tem aqui. Nesse lugar que viemo morá, o carinho até

aumentou, eu acho. Não pensei que ia ser assim. Esse fim de mundo parecia só fim de mundo mesmo, não lugar de carinho.

Um dia, curiosa, invadi a fala dele e perguntei:

— Por que a gente mora nesse fim de mundo?

O pai ser interrompido deu incômodo nos pensamento dele. Sei disso porque ele lançou o olhar duro em mim, fazeno ruga entre as sobrancelha. Achou que eu não tava dano importância pra história que ele contava? Pode sê.

Bom, daí, de qualqué jeito, depois de um tempo respondeu:

— Porque é aqui que a gente tem condição de vivê.

Só escapou isso da sua boca. O pai não esticou história nenhuma. Não encompridou palavra depois de palavra que revelasse o verdadeiro motivo.

O que sei é que teve uma vez que o pai passou uns dia todinho sem conversá muito, olhano pro nada, cochichano segredos com a mãe no meio da madrugada. Isso lá na outra casa. Naqueles dia ele ia dormir sem nem dá beijo na gente.

Uma vez, de manhã cedinho ainda, falou pra Bel não ir pra escola e, no mesmo tempo, mandou a gente fazê umas trouxa com as nossa roupa.

— Seu pai disse que não dá mais pra vivê aqui. Melhor a gente tratá da vida noutras terra! — a mãe me explicou.

— Por que, mãe?

— Não tem trabalho aqui. Nem terra pra plantá a gente tem.

— Pra onde a gente vai, mãe?

— Pra longe.

O sol nem tinha se levantado direito – brilho fraquinho no céu – quando saímos do interior, se embrenhamo na estrada e no mato, pegamo ônibus velho; de carona, montamo em boleia de caminhão, fizemo calo nos pé de tanto andá e paramo quase dois dia depois na casinha de madeira que a gente mora. Era do meu vô, a casa. Daí, ele morreu e deixou o lugar pro pai, com as galinha e tudo. É um lugar longe-longo. Comunidade pequenininha, que parece mosquito. Tem só dois vizinho nas redondeza: seu Nando e a mulher dele, dona Mirtes. E dona Hermínia e seu Gusmão. Afastado mais um tantão, outras casa onde vive o Gerson, dona Luíza, seu Martins e mais alguns. O resto é estrada de chão, mato e morro.

Pra um monte de pessoa, nosso tipo de vida pode ser triste. Não tem luz elétrica, não na nossa casa. A água vem do poço. Algum tipo de diversão, como um parque com roda-gigante e outras coisa, por exemplo, só se cada um andá feito mula umas seis hora até o vilarejo, que é bem pequeno, mas tem o necessário. Tem o posto telefônico, o correio, a farmácia do seu

Rui, o posto de gasolina, uma igreja, um mercadinho, uma agência de banco, salão de beleza, a prefeitura, a roda-gigante do parque que chega e é montada uma vez a cada seis mês. Tamém tem uma escola, essas coisa.

Às vez, quando a necessidade gruda nos dia feito carrapato, o pai pega carona no carro velho do seu Nando, o vizinho barrigudo, e daí vai com ele fazê umas coisa por lá.

Parece que nada de bom existe neste fim de mundo sem nome que o pai apeou a vida. Acontece que nem tudo é o que parece. Tá certo que aqui a gente não temos televisão, nem rádio. Mas tem um monte de outras coisa boa no quase isolamento que respiramo. Uma porção de acontecimento alegre fora e dentro da gente.

Aqui a gente escuta os passarinho. Sei que as gente das grandes cidades não sabe mais o que é escutá pássaro, nem natureza. Eles só escuta poluição sonora. E a poluição do ar tamém invade as vida deles. O cheiro que sentem é de rio morto. Daí esse gente que é engolida pelo caos, quando pode, borrifa perfume no ambiente e tamém coloca barulho artificial de chuva, de água de cachoeira, de trovão.

Aqui, nesse fim de mundo, eu escuto e ouço a natureza. É muito bom.

E tem as brincadeira. Pra dizê pouco, a Lupi, nossa cachorrinha, corre e late dum lado pro outro, dentro de casa, no quintal, no meio dos mato. Eu atrás, sorrindo de me acabar. Normalmente ela se aquieta na hora de comê, dormir e acompanhá o pai no chimarrão. O resto do tempo é euforia.

A Xuxa, o papagaio que só gosta do pai, tamém tem seu momento de euforia, gritano pro pai dá atenção pra ela.

A mãe, religiosa, tem altar improvisado numa mesinha de madeira que fica no canto da sala. A Bíblia, o terço, a estátua de Jesus na cruz, o lampião e umas vela garante a reza que ela repete com fé noite depois de noite — a gente nem sempre acompanha.

A Bel, quatro ano mais velha que eu, tem uns seis livro que veio dentro da trouxa de roupa. Ela lê e relê. E todas as vez se espanta com a beleza das letra que dá vida ao que ela chama de literatura. O conhecimento que tem, ela tenta passá pra mim e pra mãe.

Eu, com doze ano nas costa, tento aprendê. Acho bem difícil. Vivê sem as palavra dos livro é mais fácil.

Eu ajudo na casa, na lavoura, cuidado da Lupi. Irrito a Xuxa. Recebo carinho do pai, tamém da mãe. Brinco. Dou risada. Me divirto com a vida mesmo.

Tá bom pra mim ajudá nas tarefa e assisti as coisa que a mãe, a Bel, o pai e os nossos bicho faz.

O tempo aqui é relógio preguiçoso. Os minuto que passa é acúmulo de beleza.

Os dia nublado que o pai sentia dentro dele, lá na outra casa, não faz mais sombra na sua alma. Ele é feliz cultivano o que a gente come. É feliz usano o macacão velho, tomano o chimarrão, cutucano a unha suja, contano história, falano do vô. É feliz conversano.

Não sei se a mãe queria outra vida, igual se vive na cidade grande, tendo a independência das mulher de lá. Sei que aqui a mãe é feliz sendo mãe. É feliz cuidano da gente. É feliz rezano, sentino o cheiro de mato e de terra.

Nós, as Três Maria do pai, somo tudo feliz.

Ou a gente era.

É que uma coisa esquisita começou a dominá o pai, amarrano ele num mundo cheio de sombra de novo. O seu brilho dos olho apagou de repente. Dessa vez o pai ficou mais escuro que antes. Escuro e estranho. Bem estranho.

Ele mexia na terra do jeito que sempre faz, plantano e colheno o que dava pra colhê quando suas mão perderam o caminho. Os dedo grosso se confundiu na habilidade do

cultivo. Parecia que o pai nunca tinha feito carinho na terra antes.

O que era uma coisa só se separou. Pai e terra não era mais unidade.

Sem sabê o motivo de tá ali, ele me olhou e eu devolvi o olhar sem entender nada.

— Pai? Que foi?

Ele, que tava agachado, ficou de pé. Mudo, limpou a terra dos joelho e segurou nas alça do macacão com os dedos forte, a mão grandona, e ficou com a visão vidrada no nada.

O horizonte tava limpo. Céu bem azul. Nuvem nenhuma.

O barulho da água que corre no riacho perto da casa continuava igual música.

O vento que balança as árvore lançava, como sempre, as folha no ar, levando a natureza pra se misturá com o bater das asa dos pássaro.

Tudo parecia normal.

Menos o pai.

Nesses de repente da vida da gente, o pai, ficando os pé na terra feito estátua, mudo igual pedra, sem música nas palavra, não sabia mais o que tava olhando.

Eu, do lado, assistino ele não assistir a beleza de sempre, perguntei de novo:

— Que foi, pai?

Resposta nenhuma. Nem desvio do olhar aconteceu.

— Pai? — falei outra vez.

A Lupi veio correnho. Balançou o rabinho preto. Botou o olho na gente, depois botou o olhar no horizonte, tentano vê o que o pai via — eu acho — e latiu.

Latiu pro horizonte. Depois pro pai.

E, daí, tudo virou silêncio.

Se a Terra girava mesmo — coisa que nunca percebi — parou naquela hora.

Peguei na mão do pai. Balancei o braço dele.

A Lupi, mais preocupada que curiosa, voltou a latir.

O pai tava igualzinho um paralítico.

Daí, por isso, eu gritei.

Gritei.

E gritei.